

**NARRO SOBRE MIM,  
PARA NARRAR SOBRE ELA!**



**E**ntrei na Congregação em Roma, com a idade de 11 anos, em 4 de novembro do ano santo de 1933. Depois de ter feito com meus familiares a última visita ao cemitério, para saudar com o coração despedaçado, a minha mãe que, não sei por quais misteriosas complicações, havia dado a vida por mim. Não sabia quem fosse as irmãs e jamais as havia visto, a não ser a minha irmã, Ir. M. Irene, que algumas vezes, de Alba, fazia uma visita rápida à nossa casa para ver meu pai, que havia ficado sozinho. No mês de novembro do ano santo de 1933, a minha irmã que, em Alba, já havia feito a primeira profissão, estava destinada à nascente comunidade de Roma. Mestra Tecla lhe disse: «Antes de ir para Roma, passe em sua casa, despeça de seu pai, pegue a sua irmãzinha e leve-a para Roma».

Foi assim que cheguei ao mundo 'encantado' da cidade (e que cidade!!!) entre pessoas desconhecidas e, para mim, estranhas, porque não havia jamais visto irmãs nem sabia que existiam. Os primeiros seis meses foram de choro contínuo. Sentia-me sozinha e perdida como um passarinho. Minha irmã ia todos os dias à propaganda porque, além do ideal apostólico, era necessário enfrentar os gastos de uma grande casa sendo cons-

truída quase que exclusivamente com a confiança na Providência. Naquele tempo, a Fé funcionava exatamente assim.

Aos 16 anos, com a formação recebida, decidi fazer a vestição do hábito das Filhas de São Paulo. Com tantos empenhos não sobravam muitas horas livres para serem dedicadas ao repouso e à diversão, fora aquela hora de recreação depois do jantar, nas noites de verão, quando a Primeira Mestra Tecla, com grande alegria de todas, nos convidava a relaxar depois de um dia de trabalho apostólico (brochura, legatoria, tipografia etc.) escolhendo feijão ou lavando a verdura da nossa horta.

Entre nós, era proverbial a frase: Coragem! Repousaremos no Paraíso! Vivia-se num clima de simplicidade, de sincera fraternidade e de perfeita união entre os princípios de formação humano-cristã, que nos eram inculcados pelas mestras de formação. Primeira entre estas era, obviamente, Mestra Tecla, mãe, mestra e cofundadora do Instituto! Mulher ideal! Da mulher ideal, Tecla Merlo possuía as virtudes: a fé e as características humanas. Mulher sensível que a cada acontecimento se fazia dom, isto é, "mãe".

Realmente assim foi também para mim. E estou certa de que sempre me seguiu. Posso testemunhar preocupações maternas que ainda hoje me comovem. A Primeira Mestra Tecla, além de preocupar-se com a saúde física de suas irmãs, se preocupava, obviamente muito e também com a formação moral, espiritual, intelectual: isto é, com o crescimento de toda a pessoa.

Para mim, a Primeira Mestra Tecla foi um



'magistério' vivente, em tudo:

#### **NA ORAÇÃO**

No encontro com o seu Senhor se afastava realmente de tudo; entrava no mundo misterioso do sobrenatural tanto que nos preocupava se a devêssemos chamar por alguma urgência nos momentos de seu colóquio com Deus. Recordo de uma vez que tive de puxar seu véu muitas vezes para chamá-la à realidade.

#### **NA CARIDADE COM O PRÓXIMO**

Era grande de coração para com os necessitados. As famílias da colina Volpi, em Roma, encontraram nela uma mente aberta e um coração generoso que as socorreu em momentos de dificuldades. Não permitia jamais que alguém saísse sem sua ajuda.

#### **NO COMPORTAMENTO EXTERIOR**

Sempre controlado, dignitoso, feminino. Tocava-nos seu olhar intuitivo, doce, mas profundo e repleto de humanidade. Agradava-me encontrá-la quando saía do Santuário depois da hora de adoração da tarde... Para

mim era um encontro... energético, porque enquanto me transmitia um sentido de serenidade e paz, com o seu olhar profundo infundia uma carga interior que era um estímulo a viver a vida com empenho e serenidade.

#### **NA AUDÁCIA APOSTÓLICA**

A maior prova de coragem e de fé que deveria viver Tecla Merlo foi certamente quando o incansável Fundador incluiu o cinema entre os meios mais céleres e eficazes para a difusão da Palavra de Deus e isto, obviamente, comportava uma nova 'forma mentis' tornada possível em força daquele 'Sim' inicial, mas total, pronunciado na pura Fé.

Agrada-me concluir com um testemunho do Fundador que ouvimos muitas vezes, mas que sintetiza toda a sua vida: «A Primeira Mestra doou-se totalmente a Deus, com dedicação absoluta. Não havia uma só fibra de seu organismo que não fosse orientado segundo a razão do espírito». E ainda «Te-reis outras Primeiras Mestras, mas apenas ela foi, sobretudo, Mãe do Instituto».

*Ida Conti, fsp*